

O projeto trabalhado está inserido no Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa da Escola de Administração da UFRGS. O Núcleo está organizado em eixos de atuação, e minha participação se dá no chamado “Eixo Redes”. O foco deste está no fomento a redes e cadeias produtivas de empreendimentos econômicos solidários, tendo como estratégia a atuação junto da política pública do governo do Estado, através do Departamento de Incentivo e Fomento à Economia Solidária (DIFESOL), apoiando a estruturação da Cadeia Solidária da Lã.

A construção de cadeias produtivas é tida como uma forma de fortalecer a economia solidária no estado, articulando os diferentes empreendimentos e dando-lhes mais equidade¹ ao longo da cadeia produtiva, além da possibilidade de criação e uso de dados acerca do macroambiente econômico. A participação na política pública iniciou através da formulação de um diagnóstico da realidade da oferta econômica existente no Estado, cabendo ao Eixo Redes aplicação do diagnóstico junto aos empreendimentos da Região Metropolitana de Porto Alegre, presencialmente, em um primeiro momento e, posteriormente também aos empreendimentos da região da Campanha, por via telefônica.

As cadeias solidárias são concebidas para serem coordenações autônomas dos empreendimentos, ainda que estejam sendo impulsionadas por via estatal. Junto de questões de cunho estritamente econômico – como capacidade produtiva de cada empreendimento – também se buscou avaliar questões referentes às expectativas destes para com a formação da cadeia. Quase que unanimemente os empreendimentos expressaram duas coisas: vontade de usufruir dos benefícios e resultados da política pública e o desconhecimento do que caracteriza uma cadeia econômica (solidária ou não). Tem-se, claramente, uma contradição nas pretensões da construção da cadeia e estas declarações, dado que objetiva-se, ao menos no discurso, a criação de um espaço autônomo dos empreendimentos.

Em termos da minha formação, considero esse fenômeno bastante significativo. Interpreto que evidencia o distanciamento (*fetichização*) que ocorre com relação aos agentes públicos com relação ao todo do movimento, ainda que estes façam parte, efetivamente de empreendimentos econômicos solidários. Apesar dessa ambivalência destes agentes – legitimamente disputando o Estado em favor de suas causas – a lógica vertical do aparelho estatal revela um distanciamento com relação à base. Fenômeno que evidencia em outras ações: a própria concepção de constituição de cadeias produtivas não foi definida coletivamente, de forma dialogada, por exemplo.

¹ Equidade em termos de renda, no sentido de distribuir os ganhos de forma mais igualitária ao longo da cadeia produtiva e em termos de poder de decisão acerca das quantidades de bens a serem produzidos, valores de transação etc.

Com isso, retomo a outra colocação dos empreendimentos, de querer se inserir na política pública como beneficiários – seja ela o que for. Entendo que essa postura, assim como o desconhecimento de uma política pública supostamente oriunda do próprio movimento, advém de um imaginário que entende a relação Estado-sociedade como clientelista e autocrática. Reinam as noções de que o Estado é uma entidade junto da qual se deve tentar buscar “favores”, e não as de que se deve conceber qual serão suas ações em uma lógica processual, dialogada, participativa e então delegá-la a representantes. Estas colocações contradizem-se ao fato do movimento de economia solidária efetivamente ter postos no interior da máquina estatal e estar em posição de fazer essas formulações.

Entendo como muito relevante a reflexão a ser feita acerca deste distanciamento e a falta de empoderamento dos empreendimentos que evidencia. Para a construção de um movimento verdadeiramente democrático, assim como para se aumentar/potencializar os efeitos/resultados da política pública, pressupõem-se profundos debates e ampla participação do todo dos movimentos, forjando ações a partir da base e não ações oriundas do entendimento do que é melhor a partir da visão de uma pequena parcela, ações de cima para baixo – ainda que bem intencionadas.